



## A ANÁLISE SEMÂNTICO-EXEGÉTICA DE Lc 4,1-2 COMO MÉTODO DE COMPREENSÃO DA FAMÍLIA CRISTÃ, SÍMBOLO DA IGREJA DOMÉSTICA EM SAÍDA

(Semantic-exegetical analysis of Lk 4,1-2 as an understanding method of  
the Christian family, symbol of the domestic church which goes forth)

**Renato Gonçalves da Silva**

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

### RESUMO

Este artigo visa a fazer um paralelo entre o agir do Cristo, Filho de Deus que se deixa conduzir pelo Espírito Santo no enfrentamento do Diabo e suas tentações no ambiente árido do deserto, e o agir das famílias cristãs, que, se assim se definem, devem ter o mesmo entusiasmo no deixar-se conduzir pelo Espírito que as levará para realidades densas e problemáticas, no intuito de vencer o mal. Relaciona-se o pensamento do evangelista, através de uma análise exegético-semântica, com a mensagem do Papa Francisco presente em suas duas Exortações Apostólicas: *Evangelii Gaudium e Amoris Laetitia*, nas quais enfatiza o ânimo que os cristãos, junto com suas famílias, devem possuir no esforço de evangelizar aqueles que mais estão distantes, enfrentando realidades de tribulação.

**Palavras-Chaves:** Tentação de Cristo; Lucas; Deserto; Igreja em Saída; Família.

### ABSTRACT

This article aims to make a parallel between the act of Christ, Son of God who is led by the Holy Spirit to face the devil and his temptations in the dry environment of the desert, and the act of the Christian families, who should have the same enthusiasm to let be led by the Spirit that will take them to dense and problematic realities in order to overcome evil. It is also related to the thinking of the evangelist through an exegetical-semantic analysis with the Pope Francis message, present in his two apostolic exhortations: *Evangelii Gaudium and Amoris Laetitia* in which he emphasizes that the vitality of the Christians, along with their families, must have the effort to evangelize those who are more distant, facing tribulation realities.

**Keywords:** Temptation of Christ; Luke; Desert; Church which goes forth; Family.



## INTRODUÇÃO

Frente à realidade problemática, carregada de dor e sofrimento, o cristão pode se amedrontar e, por causa disso, se esquivar no *indiferentismo* permeado de um *pessimismo*, pois não acredita que a mesma realidade possa se transformar. Com essa passividade dos cristãos, tudo ao redor pode ficar ainda mais grave e de difícil solução. Além do mais, surge um novo problema que está relacionado com a identidade do “ser cristão”, que possuirá uma crise alimentada pela incoerência com a vida d’Aquele que é o Mestre e Senhor, Cristo Jesus.

Nenhum cristão será feliz, no mais profundo do seu ser, ao perceber que sua vida só carrega o nome de Cristo, mas não suas escolhas, as quais são muito claras no seu agir. Cristo, mesmo sendo o Filho de Deus, que possui um relacionamento próprio com o Espírito Santo, não ficou contemplando uma realidade problemática, a qual Ele não teve responsabilidade por sua origem. Ao contrário: por ser quem é, o Senhor se encarna nos dramas humanos e vai enfrentá-los, para vencê-los, como entrega da própria vida.

## 1. ANÁLISE SEMÂNTICO-EXEGÉTICA DE Lc 4,1-2

Antes de fazer qualquer paralelo com o texto lucano e a temática da Família evangelizadora, faz-se necessário analisar os versículos supracitados, do Evangelho segundo Lucas, para que se evidencie a teologia inserida nele. O texto grego começa com um sintagma nominal fundamental, *Ἰησοῦς (Jesus) e πλήρης (cheio)* sendo que ambos são nominativos na língua grega. Isso corresponde, na língua portuguesa, que ambos estão formando o sintagma “sujeito” na frase.

O termo grego *πλήρης* é utilizado 10 vezes no NT, sendo que dessas, oito estão na obra lucana (Lc 4,1; 5,12; At 6,5; 6,8; 7,55; 9,36; 11,24 e 13,10). Relacionado com o *Espírito Santo* (*πνεύματος ἁγίου*) só aparece na obra lucana (Lc 4,1; At 7,55; 11,24), e portanto é um termo chave para a sua Pneumatologia Cristológica.

Outro ponto de destaque é que, no Evangelho lucano, somente Jesus é *πλήρης πνεύματος ἁγίου (cheio do Espírito Santo)*. Não existe outra personagem do referido Evangelho que tenha tamanha relação com o Espírito Santo, expressa, neste versículo, na forma genitiva do grego, que enfatiza a “relação de origem, em todos os sentidos, concreto ou abstrato: origem, ponto de partida, parte de, proveniência”<sup>1</sup>. Em outras palavras, essa construção dá a entender que o Espírito Santo é a grande referência de Jesus, que se deixa possuir por ele. Assim é que se entende o ser “cheio”, também entendido como pleno, perfeito<sup>2</sup>.

Ao dizer que *Jesus volta do Jordão (ὑπέστρεψεν ἀπὸ τοῦ Ἰορδάνου)*, o evangelista enfatiza a característica pneumatológica e messiânica do Filho de Deus. O verbo *ὑποστρέφω (retornar)* aparece trinta e cinco vezes no NT, sendo que destas, 33 estão na obra lucana<sup>3</sup>, conjugado no indicativo aoristo da voz ativa só aparece na obra lucana, no total de seis vezes. Percebe-se que é um verbo fundamental para o evangelista, utilizado três vezes para Jesus, quando volta

<sup>1</sup> MURACHCO, H. *LÍNGUA GREGA Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional I*, Ed. Vozes, São Paulo, 2001, p. 104.

<sup>2</sup> ROBINSON, E. *Léxico Grego do Novo Testamento*, verbete *πλήρης*, Ed. CPAD, Rio de Janeiro, 2012, p. 946

<sup>3</sup> *BibleHub*, verbete *ὑπέστρεψεν*, [http://biblehub.com/greek/ypestrepsen\\_5290.htm](http://biblehub.com/greek/ypestrepsen_5290.htm).



do Jordão no o início das Tentações (4,1), no término delas, quando decide voltar para a Galileia (4,14) e quando, ao ser rejeitado pelos gerasenos, decide voltar também para a Galileia (4,1;4,14; 8,37), uma vez para Maria quando esta volta da casa de Isabel para a Galileia (1,56), uma vez para o samaritano que, curado da lepra por Jesus, volta para reverenciá-lo (17,15) e uma vez para João Marcos quando decide voltar para Jerusalém, não permanecendo mais com Paulo na missão em Perge, na Panfília (At 13,13). Todos são retornos emblemáticos envolvendo personagens muito ligados a Jesus ou ao projeto dEle.

Quando um verbo está no modo indicativo grego, descreve a realidade, um ato concreto, objetivo. Ao mesmo tempo, quando ele apresenta aspecto verbal do aoristo, transmite a ideia de uma ação referencial, paradigmática. No verbo em questão (*ὑποστρέφω* / *ὑπέστρεψεν*) vem escondida a preposição grega *ὑπο* que significa “sob, em baixo de, por baixo de”<sup>4</sup>, no entanto, quando está em composição “implica: o estar atrás”<sup>5</sup>.

Interessante é o reforço dessa ideia com o verbo que compõe *ὑπο*, que é *στρέφω*: cujo significado é “virar, virar em volta ou ao redor”, conforme Robinson. A melhor tradução em português seria *retorno*. No entanto, é um retorno objetivo, concreto (modo indicativo) ao mesmo tempo paradigmático, referencial (modo aoristo).

Analisando assim o texto, evidencia-se que para o evangelista, Jesus retorna de suas raízes mais profundas simbolizada no Jordão, que está no genitivo grego (*τοῦ/ Ἰορδάνου*) acompanhado da preposição *ἀπὸ*, que traz a ideia de “afastar-se” do ponto de partida, supondo algum tipo de separação.

O Jordão é um lugar referencial porque foi lá onde se deu a Teofania Batismal (Lc 3,21-22), é a realidade em que Jesus se depara com as suas raízes: o Pai que o ama no Espírito. Nesse cenário, Jesus é chamado de Filho de Deus, a mesma classificação que o evangelista dá para Adão no seu relato da Genealogia (Lc 3,23-37). Jesus, tal como Adão, é um ser sem pai terrestre.

O evangelista faz um paralelo direto entre Jesus e Adão. “Na história de Jesus batizado e tentado se inscreve, deste modo, uma cristologia do novo Adão”<sup>6</sup>. Portanto, na perspectiva teológica do Jordão, Jesus se encontra com sua origem divina (o Pai e o Espírito), mas também abraça, com a sua encarnação, a realidade adâmica. Não se trata, portanto, de um retorno qualquer! Jesus sai das entranhas do Pai cujo relacionamento se dá pelo Espírito Santo e assume a condição de Adão no lugar em que se encontravam aqueles que eram purificados por João Batista, os pecadores. Ao mesmo tempo em que Ele sai do Pai, sai também da realidade dos pecadores, representando-os.

Existe uma solidariedade entre Jesus e os pecadores que muito vai ser trabalhada no evangelho lucano. A partir desse momento, Jesus, *conduzido pelo Espírito* (*ἦγετο ἐν τῷ/ πνεύματι*), *vai para o deserto* (*ἐν τῇ ἐρήμῳ*). Interessante notar que o evangelista distingue dos outros dois sinóticos para falar dessa ação de ir para o deserto.

<sup>4</sup> MURACHCO, H. *LÍNGUA GREGA. Visão Semântica, Lógica*, p. 617.

<sup>5</sup> verbete *ὑπο* in ROBISONSON, E. *Léxico Grego do Novo Testamento*.

<sup>6</sup> MARGUERAT, D. *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2015, p.120.



Marcos usa a expressão *ἐκβάλλει εἰς τὴν ἔρημον*, ou seja, Jesus é *arremessado para o deserto*, numa total submissão ao Espírito. Da mesma forma, Mateus usa a expressão *ἀνήχθη εἰς τὴν ἔρημον ὑπὸ τοῦ πνεύματος* (*subiu para o deserto sob o Espírito*). Ambos sugerem que Jesus era condicionado pelo Espírito, num movimento dinâmico, revelado pelo uso do acusativo.

Lucas pensa de forma diferente, usando o verbo ἤγετο, indicativo imperfeito na voz passiva do verbo ἄγω: conduzir. A expressão grega *ἐν τῷ πνεύματι* (no Espírito) atrás de *πλήρης πνεύματος* (cheio do Espírito), não significa uma submissão passiva de Jesus, mas sim a solidariedade entre o Espírito e o Messias<sup>7</sup>.

O verbo está no indicativo, ou seja, trata-se da descrição de uma realidade verbal concreta e objetiva. Colocado no imperfeito, “ato verbal que começou e está em movimento, na sua realização, em pleno processamento. Pode conter a ideia de hábito, iteração, frequência, desdobramento, amplificação; pode dar a ideia de início do processo verbal e também da continuidade<sup>8</sup>”.

Com isso, entende-se que essa condução do Espírito em Jesus permanece de forma habitual. Não é à toa que, na Sinagoga de Nazaré, Jesus afirma que a passagem de Isaías 61,1-2 se realiza plenamente nele (Lc 4,16-22). Sim, o Espírito do Senhor está sobre Ele. Não existe em Jesus nada que se opõe ao Espírito! A expressão *τῷ πνεύματι* (*no Espírito*) está construída no dativo grego, imprimindo a ideia estática de atribuição, de inclusão, assimilação. Tal ideia é reforçada com a preposição *ἐν* que rege o dativo e significa *em, dentro de, no meio de*, Jesus está inserido, envolvido, assimilado numa ação continuada do Espírito.

O Espírito conduz Jesus *no deserto* (*ἐν τῇ ἐρήμῳ*), construído no dativo com sentido locativo, como realidade estática ou interna. Jesus viveu no meio do deserto para Lucas, não de forma transitória como Mateus descreve: (*ἀνήχθη εἰς τὴν ἔρημον*) com termos gregos acusativos, que dão a ideia de movimentação passageira. Para o evangelista Lucas, a experiência do deserto é algo que Jesus viveu com intensidade. A expressão é usada 23 vezes no NT, sendo que dez vezes está na obra lucana (Lc 3,2; 3,4; 4,1; 15,4 – At 7,30; 7,36; 7,38; 7,42; 7,44; 13,18).

O deserto, segundo Lucas, tanto pode ser um lugar onde se ouve a voz de Deus, como acontece com João Batista (Lc 1,80; 3,2) e muitas vezes com Jesus que sai para orar em lugares desertos (Lc 4,42; 5,16), bem como o lugar da prova, onde ocorre a tentação, remontando assim à experiência do antigo Israel. Para Boez, Jesus no deserto, vive duas experiências marcantes: da tentação diante da qual permanece firme e a experiência da plenitude divina, da qual se nutre plenamente<sup>9</sup>.

Sob esta perspectiva lucana é que se entende a caminhada dos discípulos de Jesus que compartilharão de sua Filiação Divina e por isso serão levados pelo Espírito aos desertos contemporâneos. Não existe outro caminho para aqueles que querem ouvir a Palavra de Deus e viver tão somente dela, ainda que tenham que passar pela experiência da tentação ou pelo combate com a maldade personificada pelo Diabo.

Tratando-se do encontro de Jesus com o Diabo, Lucas escreve: *ἡμέρας τεσσαράκοντα πειραζόμενος ὑπὸ τοῦ διαβόλου*, ou seja, *por quarenta dias tentado sob o diabo*. Segundo

<sup>7</sup> BOVON, F. *El Evangelio Según San Lucas I*, Ed. Sigueme, Salamanca, 2005, p. 280.

<sup>8</sup> MURACHCO, H. *LINGUA GREGA Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional vol I*, p. 226.

<sup>9</sup> BOEZ J., S. *O deserto no Novo Testamento*, Teresianum, Vol 55, 2004, p. 321-324.



Mikael Moraes, a tradição da Sagrada Escritura demonstra o número 4 como símbolo da terra, da espacialidade terrestre, do situacional. E mais, segundo o autor, traz a ideia da soberania do divino sobre a terra<sup>10</sup>. O número quatro também é interpretado como símbolo da penitência, do jejum e do castigo.

Nesta perspectiva, Deuteronômio 8,2-3 e Números 14,32 tratam de um tempo de reeducação e purificação de todo e qualquer vestígio de rebeldia que leva à morte. Para Bovon, os quarenta dias, os quarenta anos, cujo valor simbólico desempenha um grande papel no oriente, tem permitido a Israel sublinhar todos os períodos decisivos da vida dos servos de Deus ou de todo o povo. Destaca que Lc compreendeu os quarenta dias de Jesus no deserto como um tempo de prova e castigo<sup>11</sup>.

Jesus inaugura uma humanidade que aceita ser educada pelo Espírito que fará a mesma experiência do Cristo no deserto que soube viver à observância da Palavra de Deus e só dela depender. Um tempo, ainda que difícil de ser vivido, fundamental para a compreensão que o povo de Deus terá sobre si. Nesse contexto de limitação e penitência - simbolizado pelo número 40 - no local da prova simbolizado no deserto, que segundo Fitzmyer, trata-se de “um lugar solitário como a morada das bestas selvagens e dos demônios (cf Lv 16,16; Is 13,21; 34,12; Tob 8,3)”<sup>12</sup>, é onde o Diabo se encontra.

Destaca-se que nesta perícopes o termo grego *διάβολος* é usado três vezes das quatro presentes no Evangelho lucano (4,3; 4,6; 4,13 e 8,12). Na forma genitiva, o evangelista usa por mais três vezes (4,2; At 10,38 e 13,10). Lucas também utiliza o hebraico *ó σατανᾶς* por sete vezes: como sujeito masculino singular, cinco vezes (Lc 11,18; 13,16; 22,3, 22,31; At 5,3); como objeto direto, uma vez (Lc 10,18); e no modo genitivo, uma vez ( At 26,18).

Fitzmyer afirma, ainda, que certamente a escolha por *διάβολος*, no relato das tentações não é por acaso. O evangelista cita tal apelativo para indicar o oponente de Jesus, quer com isso, sublinhar o antagonismo do personagem diabólico, que no AT não é tão forte. Ao longo das três tentações as características do poder mágico (a transformação do pão), da ambiguidade (a entrega do reino e da pela adoração ao falso deus) e da mentira (a interpretação fundamentalista do Salmo 91,11-12) são bem manifestas.

O evangelista apresenta o diabo como um poder alternativo, mas também falso e sem sustentação frente ao poder da Palavra de Deus, à qual Jesus recorre para rebater cada tentação. Interessante notar que o evangelista, ao afirmar que durante os quarenta dias Jesus *é tentado sob o diabo* (*περαζόμενος ὑπὸ τοῦ διαβόλου*), utiliza o verbo *Πειράζω* (*tentar*) que se distingue de *δοκιμάζω* (*provar, examinar*). No primeiro termo “contém com frequência uma intenção hostil e se distingue de *δοκιμάζω*. Também o diabo, um ser totalmente negativo para Lucas, é o autor de verdadeiras tentações e não de simples exames críticos”<sup>13</sup>.

O verbo *Πειράζω* está no particípio presente passivo, ou seja, é um adjetivo verbal. A tentação é uma característica que atinge Jesus de forma intensa! “Tentado” passa a ser uma descrição da condição de Jesus na narrativa. O diabo realmente age na vida do Filho de Deus de forma referencial, não sendo à toa que Lucas o descreve de forma genitiva (*τοῦ διαβόλου*). No

<sup>10</sup> MORAES, M. *Os números na Bíblia*, Ed. Palavra e Prece, São Paulo, 2012, p.75.

<sup>11</sup> BOVON, F. *El Evangelio Según San Lucas I*, p. 280

<sup>12</sup> FITZMYER J.A., *El Evangelio según Lucas II*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1987, p. 403.

<sup>13</sup> BOVON, F. *El Evangelio Según San Lucas I*, p. 281.



entanto, a preposição ὑπό manifesta que, por mais força que o diabo tenha sobre Jesus, não consegue submetê-lo de forma total como fez com Adão e o povo do Antigo Israel.

Murachco afirma que ὑπό, com o seu uso no genitivo, se explica pela ideia de uma ação de que o sujeito é paciente, que é desencadeada por uma força que lhe é estranha. Manifesta também um sentido figurado<sup>14</sup>. Com isso, entende-se que o diabo pode ter uma presença marcante na vida de Jesus, porém não consegue atingi-lo de maneira essencial. Afinal, Jesus é inteiramente tomado pelo Espírito, como já foi dito, não havendo espaço no seu interior para o poder diabólico.

Daí se entende quando o evangelista ressalta *o não comer nada naqueles dias* (καὶ οὐκ ἔφαγεν οὐδέν ἐν ταῖς ἡμέραις ἐκείναις). Não se trata de um jejum piedoso, como Mateus afirma (4,2), mas a “expressão óbvia da plenitude do Espírito”<sup>15</sup>. A fome vem no *final dos quarenta dias* (καὶ συντελεσθεισῶν αὐτῶν). Depois do tempo paradigmático de penitência e reflexão, Jesus sente a fome também no seu sentido profundo, não sendo à toa que o verbo está no aoristo grego (ἐπείνασεν), denotando o ato intenso de sentir fome.

Não se trata de uma fome qualquer. Em trechos da Sagrada Escritura se vê, claramente, que a fome é um meio com o qual Deus pune o seu povo devido ao pecado cometido. Em teologias mais desenvolvidas, é o pecado que a traz, como consequência, conforme afirma Mackenzie<sup>16</sup>.

Dentre tantos exemplos, vê-se em Gn 3,19: Deus afirma que o castigo do primeiro homem pecador é a fadiga de tirar o alimento do solo, que antes do pecado não era existente. No mesmo livro, no capítulo 4,12, Caim é expulso do solo fértil pelo homicídio contra Abel. De forma explícita, a fome é um castigo de Deus ou uma consequência do pecado no livro de Jeremias (11,22; 14,12-18; 15,2; 16,4; 18,21; 21,7-9; 24,10; 27,8.13; 29,17-18). No trecho a seguir, a fome e outros males são relacionados com a desobediência à Lei, Palavra de Deus:

Mas eles não te obedeceram, não agiram segundo a tua Lei, não fizeram o que lhes havia mandado fazer; por isso lhes enviaste todas essas desgraças. Vê, os atermos chegam até cidade para conquistá-la, a cidade está entregue em mãos dos caldeus, que a atacam com a espada, a fome, e peste. Acontece o que anunciaste, e o estás vendo. (Cf Jr 32,23-24)

“Os outros escritos proféticos, contudo, contêm poucas alusões à fome como um meio punitivo (Am 4,6)”<sup>17</sup>. De qualquer forma, é nos escritos dos Profetas do AT que o pecado e o mal social aparecem mais profundamente vinculados. Em Lc 4, 4, Cristo, comportando-se como um profeta, cita Dt 8,3 ao responder à primeira tentação: *Nem só de pão vive o homem*. Segundo Fitzmyer, muitos manuscritos do Evangelho segundo Lucas (os códices A, D, Θ, a tradição textual <<koiné>> e as versões latinas) incluem a continuação “senão de toda palavra de Deus” presente no Evangelho de São Mateus retirada literalmente da Septuaginta<sup>18</sup>.

<sup>14</sup> MURACHCO, H. *LÍNGUA GREGA Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional Vol I*, p. 617.

<sup>15</sup> SCHURMANN, H. *Commentario Teologico del Nuovo Testamento*, Ed. Paideia, Brescia, 1983, p.371.

<sup>16</sup> MACKENZIE, L.J. *Dicionário Bíblico*, verbete: pecado. Ed. Paulus, São Paulo, 1983, p.705.

<sup>18</sup> MACKENZIE, L.J. *Dicionário Bíblico*, verbete: fome, p.360



Entretanto, a exegese classifica essa inserção como uma harmonização feita pelo copista para se alinhar com o evangelho mateano.

Dá-se a entender o que estava presente na teologia dos profetas: a não observância da Palavra provocará fome seguida de morte fatal, que não atinge somente a vida biológica. Afinal de contas, a observância da Palavra, segundo Dt 8,3 garante não uma vida qualquer, mas uma Vida total, no sentido natural e sobrenatural (ζῆσθαι), portanto, livre de toda e qualquer mazela, inclusive a fome.

*Permanecendo até o fim* (συντελεσθεισῶν) dos quarenta dias, sem fugir de um só momento. Abraça também a decadência humana, sua fome de Vida Eterna, provocada pela escolha do pecado que tem como autor o diabo. Jesus vai para o deserto sob a égide do Espírito para que no seu viver como Filho de Deus, se reconhecesse como filho de Adão e, assumindo o destino decaído dele, a fim de vencê-lo pela vivência da Palavra.

Assim, como chave de leitura para a Família, como símbolo da Igreja em saída, meditada na Exortação Apostólica Laetitia, a análise exegético-semântica revela que de maneira alguma o Filho de Deus, juntamente com o Pai e o Espírito, se coloca longe das realidades mais tenebrosas ou maléficas. O objetivo é alcançar o ser humano, representado em Adão, que abraça o destino final do Filho de Deus, contemplado no Jordão, e com o céu aberto, sinal do Pai que comunica ao mesmo homem o Seu Espírito e o chama de filho (Lc 3,22).

Jesus, como autêntico Filho do Pai, busca, com o Espírito, a situação mais adversa visando à salvação e ao anúncio da boa nova. Isso porque, tal Família Una-Trina acredita que o homem pode mudar! Na Trindade, não é possível o pessimismo estéril, que é uma das tentações mais sérias, que sufoca o fervor e a ousadia e provoca a sensação de derrota que transforma em lamuriamento desencanto com cara de vinagre<sup>19</sup>.

Pelo contrário, na união das Três Pessoas Divinas, visando ao resgate do decaído, vê-se o ideal das famílias cristãs. A Trindade Santa não se prende a si mesma e não se satisfaz tão somente com o seu mundo glorioso, tratando com indiferença tudo aquilo que está ao seu redor. Antes disso, assume a miséria humana, a mais diabólica, como se fosse sua e, com isso, manifesta o ideal de uma família que se diz cristã, uma família que é chamada a ser uma Igreja doméstica.

## 2. A FAMÍLIA COMO DISCÍPULA DO CRISTO EM SAÍDA

Em Lucas, percebe-se a intenção de fazer um paralelo entre o agir do cristão e o agir do Cristo. Há um apelo ético que “ilustra bem o que Lucas entende por conversão: um reconhecimento ativo da graça de Deus e uma mudança de comportamento em proveito da justiça”<sup>20</sup>. No capítulo anterior constatou-se que, segundo o evangelista, a santidade divina manifestada pela ação da Trindade não buscou, primeiramente, os lugares mais aprazíveis, não agiu desejando o conforto próprio. Pelo contrário, através de Jesus, seu Filho Divino, O Pai, com o Espírito, desejou ir ao epicentro simbólico de toda maldade. Sem fugas ou

<sup>19</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, São Paulo, SP: Paulus; Loyola, 2014, p. 85.

<sup>20</sup> MARGUERAT, D. *Novo Testamento, história, escritura e teologia*, p.131.



pessimismos, o Filho, imagem do Pai e conduzido pelo Espírito, abraça o destino mais pérfido, de libertar o homem de si.

A comunidade lucana, no contexto hostil e desafiador, não se resignou aos lamentos. Vivia problemas que, quando analisados, se entende o porquê de o evangelista interessar-se em narrar a atuação de Cristo no deserto. Ao enfrentar, por exemplo, a desigualdade social, Sousa afirma a complexa realidade em que se encontravam os indigentes no Oriente do primeiro século: terras nas mãos de poucos, políticas oligárquicas e imperiais, muitos desempregados e indigência de cegos, aleijados, velhos, crianças e mulheres<sup>21</sup>.

Frente a essa realidade, “o autor dos Atos dos Apóstolos fez questão de informar a seus leitores que a comunidade original, a Igreja de Jerusalém, cumpria o ideal da partilha, presente na cultura de seu tempo”<sup>22</sup>. Não ficou indiferente às dores e aos problemas sociais que tal desigualdade causava naquela sociedade, não tratava os pobres com desprezo ou preconceitos; pelo contrário, segundo Bargar, na primeira bem-aventurança (Lc 6,20) o evangelista apresenta o estado dos pobres como o de abençoados, pois são seres mais abertos a Deus e ao Seu Evangelho, devido à virtude de sua condição existencial. Além disso, o pobre desfruta de um cuidado especial, preferencial de Deus, pois não tem outro defensor<sup>23</sup>.

Obviamente que essa comunidade eclesial era o conjunto das famílias cristãs que foram convertidas. Francisco afirma, “a Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas. Assim “em virtude do sacramento do matrimônio, cada família torna-se, para todos os efeitos, um bem para a Igreja”<sup>24</sup>.

As perseguições, provindas do judaísmo ou dos pagãos, também eram desafios para a comunidade primitiva. Em relação a isso, Fabris e Maggioni ressaltam que o evangelista dá indícios de que os cristãos se expuseram à insegurança e a marginalização social por serem fiéis ao Filho do Homem. Afirmam ainda que a quarta bem-aventurança de Lucas (6,22-23) é o eco das palavras de Jesus que manifesta o destino do discípulo que imita o do Mestre, representante de todos os perseguidos da história (cf 9,23-36). No entanto, a comunidade que experimenta a perseguição, a enfrenta com audácia e esperança, que derivam da morte e ressurreição de Jesus (cf At,5,41)<sup>25</sup>.

Como faziam as famílias que compunham a Igreja primitiva, o Papa afirma<sup>26</sup> que as famílias cristãs devem ser magnânimas e solidárias aos pobres, e ser capazes de tecer uma amizade com aqueles que estão em situação de dificuldades. Se são seguidoras do Evangelho, têm sempre que se lembrar do que aquela comunidade nunca se esquecia, em relação aos dizeres do Senhor: “Sempre que fizestes isto a um desses pequeninos, a Mim mesmo o fizeste (Mt 25,40).

<sup>21</sup> SOUSA, F. *Mendigos e Ricos nas Palavras de Jesus segundo Lucas: uma análise de Lc 6,20-26*, Tese de Mestrado, São Paulo, 2012, p. 140.

<sup>22</sup> MARGUERAT, D. *A Primeira História do Cristianismo, Os Atos dos Apóstolos*. Ed. Loyola, São Paulo, 2003, p.187.

<sup>23</sup> BARGAR, P. *Blessed are you who are poor: The poor in together towards life, the Cape Town Commitment, and Evangelii Gaudium*, *International Review of Mission* (0020-8582), 2015, Vol 104, p. 242-254.

<sup>24</sup> FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 87

<sup>25</sup> FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, Ed. Loyola, São Paulo, 2006, p.76.

<sup>26</sup> FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 183.



As dificuldades não devem impedir o agir audacioso dos seguidores de Jesus inseridos num corpo familiar. Pelo contrário, concordando com o Papa Francisco, Lucas entendia que se a comunidade quisesse ser discípula do Cristo, deveria seguir os seus passos. Enxergar a realidade problemática, como Cristo enxerga, sem desânimos, pois, “ninguém pode empreender uma luta, se de antemão não está plenamente confiado no triunfo. Quem começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra os seus talentos”<sup>27</sup>. Ainda que os discípulos venham a sofrer toda e qualquer adversidade - aqui se escuta a bem aventurança dos perseguidos, que rejeitados, odiados e insultados, são vistos como infames por causa do Filho do Homem (Cf Lc 6,22) - a Alegria deve encher seus corações, por sua vez de toda a família.

Segundo Saldías, ao falar sobre a alegria na perspectiva lucana, o evangelista “emprega na expansão da descrição da alegria do discípulo perseguido a frase *χάρητε ἐν ἐκείνῃ τῇ ἡμέρᾳ καὶ σκιρτήσατε* (*alegrai-vos e saltai naquele dia*), incluindo termos que têm sido introduzidos notoriamente nos relatos da infância, como expressão da felicidade messiânica”<sup>28</sup>. Deve ser lido no contexto das profecias de Isaías sobre o mensageiro da alegria de Sião. Portanto, não se trata de uma alegria qualquer que o evangelizar causa na Igreja e no mundo! Tal ação inspirada traz um verdadeiro êxtase que o discípulo sente ao viver a Vida do Mestre, que também sofreu em prol do benefício do outro. Bem como a Família - Igreja Doméstica em saída - não vê como causa de sua felicidade as situações favoráveis deste mundo, afinal não as tem. A causa de sua alegria é saber-se uma extensão do próprio Cristo, passando pelas dificuldades e cruces que o Filho de Deus passou, visando à libertação humana do pecado.

## CONCLUSÃO

O estudo em questão chega ao entendimento que o cristão, ao se dizer testemunha do Messias, do Novo Adão, não pode viver no ostracismo e individualismo, verdade fundamentada pelo Evangelho segundo Lucas 4,1-2, que serve de base exegética às Exortações Apostólicas Evangelii Gaudium e Amoris Laetitia, do Papa Francisco.

Lucas se faz utilizar de termos gregos para fundamentar sua teologia cristológica, que visa mostrar um Messias disposto a mergulhar nas profundezas da maldade humana, que tem como raiz a personalidade diabólica. O Filho de Deus, por primazia, não se intimida e, muito menos, é um alguém indiferente à decadência humana, consequência do consentimento no pecado. O Senhor quer, realmente, modificar tal realidade e confia no Espírito que o anima nessa missão, ainda que esta seja difícil, por ser cheia de tentações e sofrimentos.

Mesmo assim, Cristo vai até o âmago do pecado onde se encontra o Diabo, seu autor. No terreno da desobediência, o Senhor corrige tal erro com a coerência do seu agir, que é a

<sup>27</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 85.

<sup>29</sup> SALDÍAS I. *Felices aquellos siervos! Lucas 12, 37*, Journal for the Study of the New Testament, 2015, Vol 37, p.53.



tradução mais visível do seu crer no Deus-Pai, Sua Origem. Assim, pela obediência de um, muitos serão justificados (Rm 5,19). Quem são estes, os justificados? Obviamente, todos aqueles que decidem seguir o viver de Cristo. Portanto, fazer as escolhas que Ele fez! Os que assim vivem, também entrarão, com o auxílio do Espírito Santo, nos mais densos desertos para vencer todo e qualquer tipo de mal, e então gozarão da paz e da alegria, que só o Senhor Jesus é capaz de dar.

Cabe à Igreja, presente em cada cristão inserido numa realidade familiar, decidir, no hoje da história, se continuará ou não a viver este primeiro cristianismo que, na força do Espírito, soube revolucionar a era humana, em todos os seus estames: culturais, sociais e espirituais. Segundo o Papa, o testemunho e a palavra da família cristã, ao falar de Jesus aos outros, transmite a fé e desperta o desejo de Deus, mostrando a beleza do Evangelho com o seu estilo de vida. Desfazendo o cinzento do espaço público, colorindo com a fraternidade, sensibilidade social na defesa dos mais frágeis, com fé luminosa e esperança ativa<sup>29</sup>.

Ainda que num destino de cruz, os servos serão semelhantes ao Senhor também no Seu destino glorioso da ressurreição, pois escutam o Evangelho e o abraçam. Tal perspectiva é a grande mensagem de Lucas, que é atualizada pelo Papa Francisco. Com isso, percebe-se que a Igreja vive, atualmente, a mesma natureza do chamado a evangelizar um mundo que, mesmo sendo tão diferente do dos primórdios do cristianismo, ainda necessita de cristãos ousados, que não se deixam vencer pela tentação de ver a realidade problemática como algo intransponível ou sem solução. Afinal, a força, que animou os primeiros cristãos é a mesma que animará tantos desta geração, que inseridos numa família, serão a expressão mais viva de uma Igreja, que sai de si mesma em busca do outro mais necessitado. Dessa forma, até impérios hostis serão atingidos e transformados em discípulos, chamados a viver a mais verdadeira das caridades fraternas.

## BIBLIOGRAFIA

- BARGÁR, P. *Blessed are you who are poor: The poor in together towards life, the Cape Town Commitment, and Evangelii Gaudium*, International Review of Mission (0020-8582), Vol 104, 2015.
- BIBLEHUB, [http://biblehub.com/greek/upestrepsen\\_5290.htm](http://biblehub.com/greek/upestrepsen_5290.htm).
- BOEZ J. , S. *O deserto no Novo Testamento*, Teresianum, Vol 55, 2004.
- BOVON, F. *El Evangelio Según San Lucas I*, Ed. Sigueme , Salamanca, 2005.
- FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*, Ed. Loyola, São Paulo, 2006.
- FRANCISCO. *Amoris Laetitia*, Ed. Paulus, São Paulo, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Evangelii Gaudium*, Ed. São Paulo, SP: ed. Paulus; ed. Loyola, 2014.
- FITZMYER J.A., *El Evangelio según Lucas II*, Ed. Cristiandad, Madrid, 1987.
- MACKENZIE, L.J. Ed. Paulus, São Paulo, 1983.
- MARGUERAT, D. *A Primeira História do Cristianismo, Os Atos dos Apóstolos*. Ed. Loyola, São Paulo, 2003.

<sup>30</sup> FRANCISCO, *Amores Laetitia*, 184.



- \_\_\_\_\_. *Novo Testamento história, escritura e teologia*, Ed Loyola, São Paulo 2015.
- MORAES, M. *Os números na Bíblia*, Ed. Palavra e Prece, São Paulo, 2012.
- MURACHCO, H. *LÍNGUA GREGA Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional I*, Ed. Vozes, São Paulo, 2001.
- ROBINSON, E. *Léxico Grego do Novo Testamento*, Ed. CPAD, Rio de Janeiro, 2012.
- SALDÍAS I. *Felices aquellos siervos! Lucas 12, 37*, Journal for the Study of the New Testament, 2015, Vol 37.
- SCHURMANN, H. *Commentario Teologico del Nuovo Testamento*, Ed. Paideia, Brescia, 1983.
- SOUSA, F. *Mendigos e Ricos nas Palavras de Jesus segundo Lucas: uma análise de Lc 6,20-26*, Tese de Mestrado, São Paulo, 2012.

Recebido em: 12/10/2016  
Aprovado em: 25/12/2016